

Importância da Filosofia no desenvolvimento de Moçambique: desafios e perspectivas

José Blaunde *

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0002-2180-5196>

RESUMO

Importância da Filosofia no Desenvolvimento de Moçambique: desafios e perspectivas. Constitui o tema do artigo. O objetivo é de analisar a importância e a empregabilidade da Filosofia no processo de desenvolvimento em Moçambique. A filosofia não é uma especulação sobre um tema ou um domínio à parte. Ela tem as paixões de todo o mundo. Ela é vista como aquela forma de conhecimento humano que apresenta dificuldades de ser justificada a sua pertinência e indispensabilidade. Como explicar ao moçambicano a indispensabilidade da filosofia? A leitura e interpretação de livros constituíram a metodologia aplicada para a efectivação deste texto. Fazer o possível de formas que cada moçambicano perceba que Moçambique precisa de filósofos. Se queremos que o nosso país seja de valores e se desenvolva, deve-se apostar pela filosofia e sobretudo a filosofia do tipo científico.

PALAVRAS-CHAVE

Filosofia; Ciência; Desenvolvimento; Conhecimento

Importance of Philosophy in the development of Mozambique: challenges and perspectives

ABSTRACT

The Importance of Philosophy in the Development of Mozambique: challenges and perspectives. It constitutes the topic of the article. The objective is to analyse the importance and employability of Philosophy in the development process in Mozambique. The Philosophy is not speculation about a separate topic or domain. She has passions from all over the world. It is seen as that form of human knowledge that presents difficulties in justifying its relevance and indispensability. How can we explain to Mozambican the indispensability of philosophy? The reading and interpretation of books constituted the methodology applied to produce this text. To do everything possible in ways that make every Mozambican realize that Mozambique needs philosophers. If we want our country to be of values and develop, one must bet on philosophy and, above all, scientific philosophy.

KEYWORDS:

Philosophy; Science; Development; Knowledge

* Doutorado em Filosofia, Director da Faculdade de Filosofia, Universidade Eduardo Mondlane - Faculdade de Filosofia. E-mail: jose.blaunde01@gmail.com

Pyakupfunika kwa Cidziwizo kudziwa kwa kuluphirika na kuthuthuka kwa Mosambiki: kuwonesa mphanbvu na pinafunika.

MAFALA A KUWANGA

Ndi cipfundziro wa ntemo. Thangwi ndi kufotokoza na pinafunika na mabasa a kupfuna cidziwizo kuthuthuka muno Mosambiki. Kupfuna kudziwa peno mapfundziro a cidziwizo nkhaba kulonga piyapedzi thangwi mapfundziro aneyo. Cidziwizo cisapfuna kuna anthu onsene apadziko. Cidziwizo cisawoneka kuti ndi udziwi kuna anthu anakhonda kudziwa upfundzi awa cidziwizo na kupfunika, anthu a mosambiki anapangwa tani kuti Cidziwizo cisapfunika kakamwedi? Kuwerenga na kuthumburudza mabuku. Ndi nsambo udacitiwa thangwi pawoneke tsamba iyi. Pisafunika munthu na munthu a mosambiki adziwe kuti mosambiki asafuna anyandezero a cidziwizo. Tingafuna kuti dziko yathu ikale na cilemedzo na kuthuthuka, pinafunika kupfundza cidziwizo makamaka cidziwiso cakuapfundza.

MAFALA A KUWANGA:

Cidziwizo; Upfundzi; Uthuthuki; Udziwi

1.Introdução

O presente artigo tem como tema: *Importância da filosofia no desenvolvimento de Moçambique: desafios e perspectivas*. O tema foi proposto no âmbito das Celebrações do Dia de África que, habitualmente, se comemora no dia 25 de Maio em cada ano. Quando fui solicitado, este ano, para participar nas celebrações apareceu-me de imediato a ideia de pensar sobre a filosofia e sua importância no contexto moçambicano. O objetivo desta comunicação é de analisar a importância da filosofia no processo de desenvolvimento da sociedade moçambicana. Sendo professor de filosofia e tendo feito parte no processo de reintrodução da filosofia, pensei ser pertinente trazer este tema para o debate, que julgo ser atual e pertinente.

A partir do momento em que a filosofia foi introduzida nas escolas secundárias, anos depois as políticas educacionais moçambicanas permitiram que ela fosse ensinada no segundo ciclo em todas as escolas e em todas as secções: Secção de Letras e Secção de Ciências. Pensei de imediato que ela tinha o espaço para ser estudada por todo aluno que passasse para o segundo ciclo e acreditei que pelo fato dela ser ensinada em todas as Secções, era sinal que os fazedores das políticas educacionais tivessem percebido a importância e a sua indispensabilidade para a sociedade moçambicana.

Quase no mesmo tempo em que se ia, gradualmente, ensinando a filosofia, foi surgindo o outro problema: o da empregabilidade do graduado da filosofia. Este problema abrangia sobretudo aos estudantes universitários, os licenciados em Filosofia e não aos alunos secundários. Este é um problema clássico, procurar saber, “para que serve a

filosofia”, o que é que ela resolve do concreto na vida real de cada moçambicano? Um problema que atravessa em todas as fases da história da filosofia embora com dimensões diferenciadas. Viam-se os graduados em filosofia, de modo particular os da UEM, excluídos nos concursos públicos, nem para dar aulas podiam e alguns que tivessem a sorte de serem contratados, não podiam receber como licenciados em algumas instituições públicas. Os quatro anos de formação na faculdade, eram excluídos por completo! Eram desvalorizados sem piedade!

Uma situação que me embaraçou e ganhei coragem de marcar audiências com algumas instituições do Estado, onde tive o privilégio de partilhar com eles sobre o que é a filosofia e o que o graduado em filosofia na UEM ou numa outra instituição poderia trazer como ganho para a instituição ou empresa onde quer que este esteja a trabalhar, visto que estava munido de competências suficientes para desempenhar as funções que lhe são incumbidas. A minha satisfação foi de perceber que alguns dos dirigentes nessas instituições estavam conscientes da importância da filosofia e alguns deles tiveram a sorte de se comunicar com alguns filósofos ao longo do seu percurso de formação. Sem demora percebi o problema do fundo que existia: o problema do imediato, o do umbigo.

Isto motivou-me a refletir sobre este tema e continuarei a trabalhar nele como forma de persuadir a sociedade moçambicana sobre a importância da filosofia, não apenas para processo de desenvolvimento, mas sim para formação do capital humano e sobretudo na construção de uma sociedade justa. A leitura e interpretação de livros, documentos e algumas leis constituíram a metodologia aplicada para a efetivação deste texto. Três pontos por abordar. Para além da Introdução, um Olhar sobre filosofia em Moçambique, os desafios, perspectivas e a conclusão.

2. Um olhar sobre a Filosofia em Moçambique

A intenção não é de trazer aqui a historicidade da filosofia em Moçambique, mas permitam-me dizer que, no dia 16 de junho de 2023, a Universidade Eduardo Mondlane celebrou o dia do alumni (Antigos estudantes da UEM). Este ano, pela primeira vez, a UEM decidiu que cada Unidade Acadêmica celebrasse com os seus alumni (Antigos estudantes). A Faculdade de Filosofia como forma de atender o apelo reitoral, organizou uma Oficina Filosófica subordinada ao tema: “Oportunidades e desafios da inserção dos graduados em Filosofia no mercado do trabalho”. Os oradores deste tema foram os antigos estudantes da Faculdade de Filosofia, os alumni. O tema em debate centrava-se

sobre a empregabilidade dos graduados em filosofia, visto como uma oportunidade de partilha de experiências dos graduados não só uma oportunidade para que a Faculdade pudesse estar a par sobre a situação concreta dos seus graduados.

Porquê se decidiu trazer este tema em debate? Era para clarificar o que é e se é ou não empregável o graduado em filosofia. Os graduados eram pessoas indicadas para analisar o tema, tomando como base as suas experiências de como se engrenaram no mundo de emprego, estariam em condições de articular, abertamente, o tema para desanuviar a mente dos estudantes e da sociedade, em geral, sobre a problemática da empregabilidade da filosofia. Quando me reunia com os estudantes da Faculdade de Filosofia, onde sou Director, via neles que a moral estava muito em baixo. Via neles manifestações de “angústia” e “expressões de desespero”, sobretudo quanto se dizia sobre a empregabilidade da filosofia. Assim, alguns estudantes por saberem desta dificuldade da empregabilidade de filosofia, ficaram sem nenhuma motivação.

A situação torna-se cada vez mais pior quando alguns professores de filosofia, em vez de manifestarem o entusiasmo por pertencerem a esta classe, eram os primeiros a mostrarem este desânimo. Isso verifica-se pelo nível de produção do conhecimento filosófico que é muito baixo, na forma como lecionam as suas aulas e alguns optam por escrever outros conteúdos que não tem um punho da reflexão filosófica. Por isso mesmo, Ngoenha (2004, p.38), filósofo moçambicano, reclama da falta “da existência da filosofia moçambicana” e da existência de uma “tradição filosófica moçambicana”.

Uma das turmas reportou-me sobre as aulas de alguns professores nas salas de aulas. Duma forma quase unânime disseram que não estavam satisfeitos com alguns professores pela forma como estes tratavam aos estudantes e sobretudo, na forma como lecionavam as suas aulas de filosofia, pois estes não se identificavam com ela (Filosofia). Segundo eles, alguns estudantes desistiram, perderam interesse de assistir as aulas desses professores e, conseqüentemente, perderam interesse pela filosofia. “A filosofia poderia ser interessante para as pessoas que não têm uma ligação profissional” (McGinn, 2007, p. 204). Mas isso depende da forma como a levamos para essas pessoas.

Pelo fato de a filosofia não conseguir resolver o “problema imediato”, o “problema do umbigo”, da fome, constitui um dilema para esta não ser percebida e apreciada pelos moçambicanos. A situação piora ainda quando um professor de filosofia tem dificuldades de transmiti-la com clareza de formas que suscite interesse, ou ao mínimo exercesse a função duma parteira, como advogava Sócrates, a situação torna-se dramática.

Indaguei! “Estamos a matar a filosofia!” “Nós somos assassinos da filosofia!” Foi neste sentido que McGinn clama (2007, p. 205) a filosofia possa interessar a toda a gente, depende como levamos a ela às pessoas e como faço para que as pessoas se sintam envolvidas. Ele questiona: em filosofia parece que cada geração de filósofos repudia os pretensos da geração anterior, de modo que não há um corpo acumulado de conhecimento filosófico com quem toda a gente possa concordar; os filósofos parecem estar todo o tempo em conflito e indecisos. Para pôr a coisa de forma pouco caridosa (McCain, 2007, p. 209).

Em filosofia parece que nunca chegamos à fase normal, na qual um “conjunto de teoria é geralmente aceite crescendo-se a partir daí; parece que está sempre tudo mais ou menos em causa” (*Ibidem*). Mas nem com isso podemos nos atrever a dizer que os filósofos sejam tolos, sejam inúteis na sociedade. Os filósofos não são loucos no sentido de “falarem sozinhos”. “Talvez até o sejam, mas não mais que qualquer outra pessoa, no outro sentido de ‘isso quer através deles’, no sentido de que são possuídos, habitados pelo sim e pelo não. É o movimento do desejo que, mais uma vez, reúne o que está separado ou mantém distante o que vai junto” (Lyotard, 2012, p. 38). Não! A própria ciência reside neles.

As perguntas da filosofia são mais profundas e mais elevadas do que as da ciência. “A filosofia é o estudo de profundo” (McGinn, 2007, p. 211). Para Lyotard, a Filosofia “não é desejar a sabedoria, é desejar o desejo” (Lyotard, 2012, p. 39). A filosofia não tem o desejo específico; ela não é uma especulação sobre um tema ou um domínio à parte dizia Lyotard. A filosofia tem as paixões de todo o mundo, ela é filha de seu tempo, como diz Hegel citado por Lyotard. Daí que “... a filosofia não está à altura de oferecer soluções aos problemas relativamente aporéticos em volta dos quais se ufana. Um dos seus contributos é tentar elucidar, esclarecer soluções a natureza de tais problemas e pôr em evidencia a variedade de razões que militam em favor de escolhas e alternativas” (Ngoenha, 2004, p. 45).

A lei 6/92 de 6 de Maio dava um lugar privilegiado a filosofia de modo que pudesse ser ensinada no ensino secundário no segundo ciclo em todas as Secções. A disciplina “Introdução à Filosofia” era vista como disciplina transversal e que todos alunos não poderiam concluir a décima classe sem que tivesse aprendido esta unidade curricular. A ideia que se fez passar, penso eu, era de que o Estado estava preocupado em formar um cidadão com uma capacidade crítica, que não se aliena de qualquer maneira. Um cidadão

que tem um sentido patriótico, um cidadão que sabe usar a sua razão e que tem a consciência de que o bem pensar é a base do desenvolvimento. Não basta pensar por pensar, é preciso até pôr em questão o que pensa antes de fazer uso do seu pensamento, para isso carece do conhecimento filosófico.

A forma como o currículo estava concebido permitia que o aluno ao terminar o secundário pudesse ter noções de alguns valores que orientam uma sociedade democrática, tais como: justiça social, bem comum, a ética, a moral etc. Esta perspectiva alinha-se no testemunho de Ngoenha, nos seguintes termos:

Assim decidi propor um curso de filosofia aculturado às preocupações reais de Moçambique, para levar a filosofia a ser um parceiro sério na elucidação dos problemas e das suas causas, mas também na busca de soluções...identifiquei três campos fundamentais da possível contribuição da filosofia em Moçambique: epistemologia, política e ética (Ngoenha, 2004, p. 79).

Em novembro de 2018 foi promulgada a proposta da revisão lei que alterava a lei do Sistema Nacional de Educação. Esta revisão foi justificada como forma de adequar ou harmonizar com a Comunidade de Desenvolvimento de África Austral, abreviadamente conhecida por SADC, onde o nosso país é signatário na área de educação e formação. Não fiquei preocupado, mas perturbado com os fundamentos que justificam esta alteração que tentam subalternizar a Filosofia. Na perspectiva dos fazedores desta lei, a educação que visa o desenvolvimento sustentável deve formar tendo em vista o presente e o futuro para garantir a continuidade das novas gerações. O que significaria isso para nós como moçambicanos? Seria educar no sentido de se garantir a “manutenção do Estado Nação, do reforço do patriotismo da unidade nacional, do amor ao outro, ser solidário entre moçambicanos”?

Como se pode explicar assim tanto esforço de tentar reduzir a filosofia do ensino secundário, em todas secções, e reduzir o número dos alunos no secundário que devem ter contacto com ela. Para onde foi aquela ideia inicial que levou o Estado a introduzir a filosofia nas escolas secundárias em todas as secções? Será que isso depende de cada ministro que entra no Ministério de Educação ou no outro ministério que lhe autoriza a demolir tudo que encontrou? Como é que se pode falar da estabilidade das políticas educacionais dum Estado com este tipo de procedimento? Moçambique não precisa formar um cidadão com uma mente clara? Com uma consciência crítica? Devemos perceber que o “valor da filosofia não está na aquisição daquilo que se chamava

‘conhecimento positivo’ como acontece com o valor da ciência, mas antes no alargamento do alcance imaginativo das nossas mentes e na consciencialização de que a ignorância faz parte da condição humana” (McGinn, 2007, p.222).

É neste sentido que deveríamos perceber a filosofia como “uma forma de pensar que nos possibilita compreender melhor o próprio sentido da nossa existência” (*Ibidem*). Com isso não quer dizer que as outras ciências e as outras formas de conhecimento humano não possam ajudar-nos a compreender as nossas formas de existência ou “o nosso modo de existir”. Mas a sua forma de compreender o modo de existência humana não é igual, a filosofia tem um jeito particular e insubstituível, e até se pode dizer que, por vezes, sem a Filosofia, a nossa visão sobre a nossa existência humana fica confusa, como bem diz Descartes que “viver sem filosofar é, propriamente, andar com olhos fechados, sem fazer o esforço de abri-los”. Devo citar Descartes.

Estou consciente, como disse acima, que a filosofia não substitui a ciência e as outras formas do conhecimento humano, mas deve ficar claro que existe entre eles uma íntima relação entre si, elas se interligam, precisam uma das outras, se complementam, aquilo que chamaríamos de anel epistemológico proposto por Edgar Morin.

A filosofia é uma forma de pensar que nos possibilita compreender melhor quem somos, em que mundo vivemos: em suma, nos ajuda a entender melhor o próprio sentido da existência, assim como, as outras ciências também nos ajudam a compreender o nosso modo de existir. Mas a filosofia tem uma forma particular, como disse acima. Consiste na avaliação crítica das crenças e das convenções humanas. É actividade mental voltada a justificar racionalmente aceitação ou recusa daquelas crenças que são comumente tidas como válidas, incluindo a ciência. É nesta senda que se diz “a filosofia não substitui a ciência e as outras formas de expressão cultural (...). A filosofia e as outras formas de cultura e de sensibilidade têm uma íntima relação entre si, elas se interligam, precisam umas das outras, se complementam” (Severino, 1993, p.11).

A compreensão do sentido da nossa existência só é possível ser compreendida dentro do nosso contexto, dentro da nossa realidade, do que vivemos dia a pós dia, para fazer filosofia não precisa de ir a China, Europa muito menos nos estados unidos, mas aqui, na nossa sociedade, no mundo da nossa contemporaneidade. “O ponto de partida de qualquer Filosofia é o contexto, o que faz a sua universidade são as suas respostas que podem atingir dimensões que ultrapassam o âmbito de um contexto particular” (Ngoenha, 2004, p.1).

A Filosofia encontra-se imbuída nesta realidade que nós vivemos e é nela onde se desdobra o sentido da nossa existência. “O processo de filosofar é um trabalhar necessariamente com conceitos e com uma linguagem, só que situados num plano específico, distinto daquele das ciências e das outras formas de conhecimento” (*Idem*, 12). É por isso que as vezes a filosofia seja considerada de um domínio do saber humano muito difícil, não efetivamente que ela seja difícil em relação a linguagem de outros domínios de conhecimento humanos, mas ela é diferente de outras formas de conhecimento humano. A linguagem da Filosofia, ninguém duvidaria, estamos muito bem claros sobre isso, é abstrata, mesmo assim ela traduz a realidade concreta, onde se realiza a nossa experiência existencial. A filosofia leva-nos a pensar sobre a existência humana dentro do seu contexto cultural. “É uma busca que se realiza na contemplação de verdade- verdade que só se atinge através da intuição intelectual de formas abstratas” (Marcondes; Franco, 2011, p. 9).

Preocupa a qualquer um, ver a filosofia a ser afastada ao maior número dos alunos que estudam ciências naturais e matemáticas. O que está por de trás desta tentativa de afastamento? Está claro que todo esforço, talvez, seja para satisfazer os interesses políticos da SADC? Mas se for isso, o que valha apenas são os interesses políticos da SADC, em detrimento do desenvolvimento do capital humano em Moçambique? Foi a filosofia que iluminou aos decisores ao ponto de conhecer os conceitos que norteiam a educação, os fundamentos que eles usam para alicerçar a sua ação, buscaram da filosofia. Porquê afastar a ela do alcance de todos os alunos e estudantes? Que futuro de cidadão se pretende formar? Projecta-se um cidadão que não tenha ferramentas necessárias de análise para formular um raciocínio com correctez? Que não tenha um espírito crítico? Para melhor sugar os seus bens, sem que estes tenham consciência?

É aqui de facto, onde reside o fundamento do porquê trazer este tema, para mostrar a importância da filosofia e sua relevância no desenvolvimento de um país, razão pela qual se pensa que seja premente deixar a filosofia ao alcance maioritário da classe jovem estudantil. Mazula já dizia: a filosofia é a última instância do desenvolvimento do espírito humano, e devido a isso, a filosofia tem sido a principal ciência que recebe vênias ao longo dos tempos.

E como é que nós tentamos afastá-la? Assim ainda com Mazula (2005, p. 53), a ideia de uma sociedade democrática que os políticos procuram vulgarizar, remonta a Grécia Antiga quando os gregos discutiam em relação a melhor forma de como uma

sociedade devia se organizar. Foram os filósofos que tiveram esta preocupação até propuseram os sistemas de governação. Basta pensarmos da Democracia, Sócrates está presente, a Democracia liberal, estão presentes Spinoza, Locke, apenas para dar exemplo. Voltando ainda para Mazula, citando Dyson e Rawls entende que “uma sociedade democrática é aquela que se governa na ‘justiça como equidade’ para a criação de riquezas. Sair da pobreza e distribuir a riqueza é uma questão ética” (Mazula, 2005, p. 54) e ética é uma disciplina necessariamente filosófica.

O acto de introduzir a Filosofia nas escolas secundárias para que fosse ensinada em todas as secções, parecia ser o comprometimento dos decisores em ver no futuro próximo uma sociedade moçambicana com cidadãos conscientes com capacidade crítica, característica fundamental para desenvolver um país.

Penso que foi neste âmbito em que a filosofia aceitou o chamamento curricular porque acreditava que, “cobraria a clássica dívida contraída pela política ao vitimar Sócrates”. E longe de perceber que a política moçambicana, entendia que depois de atingidas as aspirações que estiveram por detrás do chamamento da filosofia para fazer parte do leque curricular, afastaria ou reduziria a mesma do currículo nacional. A revisão da Lei do SNE que dava brilho a filosofia nas escolas secundárias a nível nacional vê-se hoje, a filosofia rejeitada, uma tentativa de suicídio, encostando-a a margem do Grupo de Ciências com Desenho e Biologia. Questiono ainda: porquê esta atitude? O que é que ela teria feito? Estão mesmo dispostos em formar o futuro cidadão sem a consciência do que significa ser cidadão? Achem que é retirando a Filosofia que se possa desenvolver o país?

No fundo percebem-se as razões! Como acima já disse, têm receio, medo do carácter originário da filosofia: “a busca incessante da verdade e não a sua posse”. Pensar coisas sublimes e não imediatas para resolver o problema do umbigo. Pessoas preferem rejeitá-la, “é um jogo inútil e estéril de palavras” ou que é muito difícil e “só é útil e interessa a pessoas especiais” e muito inteligentes. A indispensabilidade da filosofia e concordo plenamente com Mazula quando diz que a filosofia é a busca pelo sentido da existência humana. Ora, nenhum homem na terra seja ele moçambicano ou não, político ou comerciante vive o quotidiano sem um sentido para o seu trabalho, para a sua relação com as pessoas, para o amor, para amizade, para a ciência, para a educação e para a política.

Moçambique é um país que conheceu duas guerras fortes e sangrentas: a guerra de 10 anos, a que chamamos a de libertação de Moçambique e a de 16 anos, aquela encadeada pela RENAMO e Governo de Moçambique. Moçambique proclamou a sua Independência em Junho de 1975 e também assinou o acordo Geral de Paz e, recentemente, o outro acordo denominado DDR. Face a essas vicissitudes que o país atravessa, era necessário esforçar, encorajar o ensino de Filosofia no Sistema educacional moçambicano. Para que se possa alcançar esse sentido, é necessário compreender de forma significativa, a nossa realidade moçambicana, o mundo de nossa contemporaneidade porque é nele onde se desdobra a nossa existência.

Percebe-se, claramente, que o carácter pragmático de uma atividade é quando ela é útil, tem um efeito prático, concreto, aplicável a ação, ao contrário de uma atividade puramente especulativa, abstrata, sem eficácia no concreto. É neste carácter pragmático onde se encontra a evidência do conhecimento científico moderno, a ciência caracteriza-se pela eficácia na manipulação e na exploração da Natureza. É a forma mais sofisticada e elaborada de civilização da atividade transformadora da natureza pelo homem. Portanto, as explicações elaboradas, os sentidos constituídos, a compreensão propiciada sobre a realidade está, de algum modo, ligado diretamente a condução do alcance de aspectos concretos e imediatos da vida dos seres humanos.

Parece não ocorre o mesmo com a filosofia. É difícil entender o seu relacionamento direito com as exigências do sobreviver e com as necessidades imediatas dos homens. E a ausência desse carácter pragmático e utilitário da filosofia tem sido motivo de inúmeras e severas críticas a essa forma de pensar e de conhecer, acusada então de se transformar num refinamento desvairado do procedimento intelectual. Há dificuldade de perceber-se a necessidade do estudo e ensino da filosofia, facto que introduz o desafio de fazer compreender aos cidadãos moçambicanos, sobretudo a classe dos decisores políticos, sobre a finalidade e utilidade do conhecimento filosófico.

A forma filosófica de conhecimento apresenta-se como busca ilimitada de mais sentido, de mais significado, o que transforma a filosofia num esforço do espírito humano com vista a dar conta da significação dos aspectos da realidade com maior profundidade possível e sempre em relação a significação da existência humana. É a tentativa de compreender o sentido mais radical de todas as coisas, independentemente, da sua civilização imediata.

O moçambicano deve perceber que o desenvolvimento do Ocidente não consistiu em banir a filosofia, pelo contrário foi a partir do casamento destes dois e mais saberes humanos. Neste contexto, Descartes entende que “a filosofia se estende a tudo o que espírito humano consegue saber, que deve crer ser ela apenas que nos distingue dos selvagens e bárbaros, e que um Estado é tanto mais civilizado e polido quanto melhor aí os homens filosofam e assim que o maior bem de um Estado é possuir verdadeiros filósofos” (Descartes, 1998, p. 27). É aqui onde Descartes encontra a indispensabilidade da filosofia em regradar os costumes, e conduzir-nos na vida do que o uso dos olhos para nos guiar os passos.

Para os homens, conhecer é um impulso como que natural e instintivo no sentido em que ele brota espontaneamente, confundindo-se na sua origem, com o próprio impulso da vida. A consciência emerge e se desenvolve como estratégia da vida, integrando o equipamento de ação do homem com vista a sua sobrevivência. O pensar surge, assim concomitantemente ao agir, com ele se confundindo. O comportamento não anterior à ação, pois surge no próprio fluxo do agir (Severino, 1993, p.19).

Hegel (2006, p. 37) afirmara que a filosofia é um ato livre, não egoísta; livre, pois esvaneceu-se a angústia do desejo; é um fortalecimento, uma elevação e consolidação do espírito em si; uma espécie de luxo permanente na medida em que o luxo caracteriza as satisfações e ocupações que já não pertencem à necessidade externa enquanto tal. O espírito de um povo conseguiu já livrar-se da apatia indiferente da primeira vida Natural.

Hegel começa mesmo por esclarecer a necessidade do homem da sua vida natural imediata. Porque este nível não pode atingir a filosofia. Para atingir este nível há aqui necessidade de cada moçambicano meter-se no processo de discernimento mesmo reconhecendo não ser um processo fácil. Isto porque na época de Hegel, a filosofia “não é um sonambulismo, é antes consciência mais desperta, e o seu despertar sucessivo é, justamente, a elevação de si mesmo para lá dos estados da unidade imediata com a natureza” (*Ibidem*). Hegel não ficou alheio em relação ao desenvolvimento. O progresso e o desenvolvimento para ele, é a diversidade da cultura, do conhecimento e sobretudo do conhecimento filosófico.

O que o homem tem de mais sobre do que o animal o tem mediante o pensamento. Tudo o que é humano só o é na medida em que o pensamento está aí em acção. Pode aparecer como quiser se é humano, só o é graças ao pensamento. “Só por este é que o homem se distingue do animal” (*Idem*, p. 67).

O pensamento só é eficiente, ao produzir-se; produz-se através da sua própria atividade; e esta atividade não é imediata, não é para resolver o problema do umbigo, mas sim deve-se produzir a partir de si próprio. Só a filosofia que pode assim produzir. “O pensamento é a substância universal do espírito, a partir dele se desdobra tudo o mais. Em todo o humano, o eficiente é o pensar, o pensamento” (*Ibidem*) é neste sentido que Hegel diz que a Filosofia, “ensina-nos a pensar, ensina como aí nos devemos comportar” (*Idem*, p. 69).

O homem identifica-se e dá sentido da sua existência pelo conhecimento. O conhecer é próprio do ser humano e no sentido geral “conhecer é descrever para reconhecer” (Bachelard, 2004, p. 12) e esta descrição requer um esforço como entende Severino (1993, p.22) que o conhecimento, no sentido geral, é o esforço do espírito humano para compreender a realidade, dando-lhe um sentido, uma significação, mediante um estabelecimento de textos aptos a satisfazerem as exigências intrínsecas de sua subjectividade.

A filosofia constitui uma das formas peculiares desse esforço do espírito humano na busca da compreensão, do sentido das coisas. Porém, quando se fala do conhecimento humano a filosofia é vista como aquela forma de conhecimento humano que apresenta dificuldades de ser justificada a sua pertinência e indispensabilidade para o ser humano. Foi neste sentido em que Lyotard, dirigindo-se aos seus estudantes, disse: “para a maioria das pessoas, para a maioria de vocês, a Filosofia está ausente de suas preocupações, de seus estudos, de sua vida” (Lyotard, 2012, p. 24).

3. Desafios e Perspectivas da Filosofia em Moçambique

Falar de desafios da Filosofia em Moçambique pode constituir uma tarefa fácil por um lado, na medida em que ela é usada com frequência, mesmo sem saberem o que ela, efetivamente, significa, mas consta no vocabulário quotidiano de cada um. Tem sido comum ouvir, no dia pois dia, de forma singular ou coletiva, nas instituições públicas e privadas, nas organizações governamentais e não governamentais, em associações, em instituições religiosas, nas escolas e nas universidades expressões como essas “a nossa filosofia é...”, “a filosofia do nosso plano é...”, “esta foi a filosofia que orientou este trabalho...”, “esta é a nossa filosofia do jogo...”, “a nossa filosofia do negócio...”, tratando desta forma a filosofia como se fosse uma estratégia, como uma regra e como uma forma de ser e estar. Por outro lado, pode-se dizer que não é difícil. Ora, quando usam este

conceito filosofia, tem sido consciente do que, efetivamente, ela é? Ao usarem este conceito nesses contextos, sabem, de fato, o que a Filosofia significa? Sabem para que ela serve? Sabem que ela indispensável para o ser humano?

É aqui de fato onde reside o maior desafio de como explicar ao moçambicano a indispensabilidade da filosofia, não apenas para a sociedade moçambicana, mas para qualquer sociedade humana. Um ensaísta e poeta americano Kenneth Resxroth citado por Marcondes e Franco (2011, p. 24) diz que a filosofia “é um método complicado que serve para evitar todos os problemas importantes da vida”.

É de fato desafiante falar da importância da filosofia para quem tem uma barriga vazia, para quem habituou a estender mau para receber, para quem espera dos outros para lhe dizer que isto é correto, aquilo não é, para quem não sabe dizer, por si só, o que é justo, e o que não é. É desafiante para uma pessoa que tem dificuldades de acreditar na potencialidade que ele tem de se desenvolver. É difícil para quem não acredita que o conhecimento científico não cai de paraquedas e nem depende de outra pessoa, mas de si mesmo e dentro do seu contexto.

Kenneth Resxroth, o poeta e ensaísta, questiona: quem procuraria um filósofo quando o que está em questão é algo crucial em sua vida? Eu dirijo esta pergunta a cada moçambicano. “Se a mãe do estudante de filosofia morre, se sua namorada se engravida, se ele é acometido de uma doença abominável e fatal, ou se decidiu tornar-se um pacifista convicto que se recusa a lutar na guerra, será que procuraria o seu professor de filosofia para se aconselhar?” (Marcondes, Franco, 2011, p. 24). A resposta é certa “NÃO”.

O historiador americano William James Durant declarou que “a Filosofia está morta”. O autor com esta afirmação queria dizer que nos dias de hoje ninguém mais pensaria em condenar à morte um filósofo por emitir a sua ideia, como foi feito a Sócrates, Giordano Bruno, Galileu Galilei, Jerónimo Savonarola, apenas como exemplo ilustrativo, “não porque os homens tenham se tornado mais sensíveis quanto a matar alguém, mas porque não há nenhuma necessidade de matar os que já estão mortos” (*Ibidem*). Esta afirmação não tardou em ser secundada:

Em um mundo de guerras e mudança de princípios, armado com bombas e tecnologias que carecem de princípios, o mais alarmante não é o que os filósofos dizem, mas o que deixam de dizer. Quando a razão é derrotada, paixões cegas tornam-se violentas, questões urgentes se acumulam, os homens procuram a orientação de

cientistas, psiquiatras, sociólogos, políticos, historiadores, jornalistas até pouco tempo eram distantes, estão mais próximos dos interesses imediatos e intensos da humanidade do que a maior parte dos filósofos, que hoje se tornaram técnicos acadêmicos obscuros (*Idem*, p. 24).

Se a partir do próprio filósofo que não exerce efetivamente o seu ente de ser filósofo é mais difícil ainda fazer acreditar ao outro que a filosofia é importante se ele mesmo não conseguiu mostrar esta importância. Deixou de se preocupar com problemas relativos a condição humana. O filósofo transformou-se em tecnocrata logicista e puritano linguista que tornou a filosofia irrelevante porque ele já não se identifica com ela, porque vive e coloca em primeiro lugar o seu problema do umbigo. Já não tem tempo para fazer uma “ruminagem” dos problemas que apoquentam a sociedade.

Durant também reconheceu que os filósofos foram admirados ao longo da história: por exemplo “Aristóteles foi tutor do Alexandre o Grande, Agostinho foi considerado Santo, Voltaire em uma cédula francesa, Kant e Schopenhauer aparecem em selos alemães”. Esses são apenas exemplos que ilustram de que o filósofo produz resultados imediatos para sociedade. Mas o empreendimento do filósofo é de se “esforçar por compreender o que seus contemporâneos se contentam em viver. A compreensão do filósofo é anterior à dos homens de seu próprio tempo” (*Idem*, p.26).

Foi neste sentido em que se diz que é preciso traçar uma demarcação entre a ideologia e o bom senso, com vista a fazer com que se dialogue entre a filosofia e a ciência e que deve constituir-se a tarefa fundamental do filósofo moçambicano. Quando se introduziu a filosofia nas escolas secundárias em todas secções, esperava que ela passasse a representar o gênero da primeira necessidade para os moçambicanos. Esperava-se ver a cada moçambicano a sentir a necessidade da filosofia como se tem a necessidade de “comer ou beber água”.

Moçambique está independente desde 1975. Uma independência que nunca trouxe uma paz duradoura aos moçambicanos. Viveu-se a guerra dos 16 anos entre o governo moçambicano e a Renamo, que culminou com assinatura do acordo geral de paz em Roma; mesmo assim, o moçambicano nunca viveu em paz. Hoje, os moçambicanos vivem a nova situação de “guerra” na província de Cabo Delgado que até agora não se sabe qual será o desfecho desta realidade. O que verifico é que o moçambicano nasce, cresce até a idade adulta vivendo em ambiente de guerra. Isso não é difícil de perceber, basta lembrarmos que a colonização durou 500 anos, equivalente a 5 séculos. Durante

este tempo, ele era obrigado a estudar até quarta classe para garantir a comunicação entre o colono e o colonizado.

Segundo Blaunde (2018, p.403), a colonização não ocupou apenas a terra, o espaço geográfico, mas a mente humana. O colono trabalhou, negativamente, a mente do moçambicano ao “ponto deste rejeitar-se a si mesmo”. O primeiro estágio da importância da filosofia assume-se como um desafio para todo o moçambicano em permitir que tome consciência de si mesmo. Todas as diversidades existentes em Moçambique devem-se a falta do ensino verdadeiro da filosofia em todas áreas. O filósofo francês René Descartes já advertia:

viver sem filosofar equivale, verdadeiramente, a ter os olhos fechados, sem nunca procurar abri-los, e o prazer de ver todas as coisas que a nossa vista alcança não se compara à satisfação que confere o conhecimento do que se encontra pela filosofia; e enfim que este estudo é mais necessário para reger os costumes, e conduzir-nos na vida, do que o uso dos olhos para nos guiar os passos. Os brutos animais que apenas possuem o corpo para conservar, ocupam-se, continuamente com procurar alimentá-lo; mas os homens, cuja parte principal é o espírito, deveriam primacialmente empregar o tempo na pesquisa da sabedoria, o seu verdadeiro alimento (Descartes, 1998, p. 28).

A Filosofia recebe qualquer nome pejorativo e toda a negatividade e improdutividade é imputada a ela. Mas o que fazer para que ela não seja imputada tudo isso? De fato, ela não é pragmática, porém ela não é tudo isso que lhe é imputada. Ela tem o seu característico; a leitura, o diálogo e a reflexão constitui o maquinário capaz de moldar o espírito. Mas isso não resolve o problema do imediato, do “umbiquismo” que o moçambicano quer. É como diz Nalini (2010: 18) que a filosofia é tema permanente na história da humanidade. Nalini sem rodeios e convencido por aquilo que a filosofia é o que pode fazer, sanciona: “a filosofia cuida não só daquilo que é – a teoria-, mas também da sede da justiça- que é a ética e, finalmente, do caminho da salvação – amor à sabedoria” (Nalini, 2010, p. 26). Mais adiante Nalini considera a filosofia como “importante ingrediente de uma formação integral, a filosofia ajuda a viver, facilita a compreensão da vida, estimula a aceitação das diferenças e a assimilação do inexplicável” (*Ibidem*).

Se os moçambicanos verdadeiramente apostarem na filosofia serão ajudados, sem nenhum equívoco, a escavarem as profundezas das suas consciências, suscitando desta feita a fome do saber e este escavar da consciência vai permitir ainda a cada moçambicano estimular a sadia curiosidade “repelir comodismo de se satisfazer com o

que é fornecido. Perscrutar a complexidade, abrir veredas novas formular alternativas” (Nalini, 2010, p. 27), pioneiras que permitam o desenvolvimento do capital humano.

Como fazer compreender a cada moçambicano que o desenvolvimento de Moçambique passa necessariamente pelo desenvolvimento do capital humano e este só é possível se a nação moçambicana tiver o domínio da filosofia, “o estudo da sagesa”. Não basta pensar, precisamos saber pensar. E este conhecimento humano como diz Descartes, acima já citado, nos distingue dos outros animais, dos selvagens e bárbaros. O filósofo francês assevera ainda dizendo que “cada nação tanto mais civilizada e polida quanto melhor aí os homens filosofarem e assim que o maior bem de um Estado é possuir verdadeiros filósofos” (DESCARTES, 1998, p. 27).

Temos que continuar a fazer tudo que possível de formas que cada moçambicano perceba que Moçambique precisa, urgentemente, de pessoas capazes de pensar. Precisa de filósofos naquele sentido de “amigos de sabedoria”; de poetas que inspirem os seus sentidos intuitivos, precisa de um Moçambique com pessoas cada vez mais sensíveis. Por isso, o seu grito é que se queremos de fato, que o nosso país seja de valores e se desenvolva, deve-se apostar pela filosofia e sobretudo a filosofia do tipo científico, não apenas como uma disciplina, mas como aquele conhecimento que dá oportunidade sedutora a cada moçambicano de se conhecer melhor e de fazer melhor uso para vir “extrair suas potencialidades”.

Se levarmos a sério o conhecimento filosófico, a nossa pátria amada, evitará muitas das catástrofes registradas no passado recente, por ex: a guerra civil, o terrorismo e renunciadas para o futuro próximo, qual ameaça grave para os destinos da nossa sociedade. Justifica-se, assim, o ensino da filosofia, como um eixo fundamental na formação de qualquer moçambicano, Nalini, citando Karl Popper dizia:

a filosofia busca sempre conhecer o objecto de forma crítica radical e em sua totalidade. Neste sentido, o conhecimento filosófico é aquele que busca compreender os fundamentos de um determinado objecto cognoscível ou do próprio conhecimento sobre ele. Isso não significa que o conhecimento filosófico encontre os fundamentos verdadeiros (...) o conhecimento filosófico pode nascer em qualquer espaço, sobre qualquer objecto e qualquer momento. Sua essencialidade está em impedir a dogmatização de qualquer um dos demais conhecimentos. A filosofia é, por essência, antidogmática; se se tornar dogmática, Filosofia não é (NALINI, 2010, p. 30).

Professora da Universidade de Newcastler Mary Midgley dizia que a filosofia “não é uma questão de resolver um conjunto fixo de enigmas. Pelo contrário, envolve descobrir as muitas formas particulares de pensar que será mais útil à medida que tenhamos de explorar este mundo em constante mudança” (MIDGLEY, 2018, p. 12). Como mundo, incluindo a vida humana, muda, constantemente, os pensamentos filosóficos nunca são finais. O seu objetivo é sempre o de nos ajudar na presente dificuldade, posto que a filosofia tenta descobrir as formas de pensar que melhor ligarão estas várias visões - incluindo as científicas

Conclusão

Chegado aqui, posso dizer que não se trata de conclusão porque um tema como este súper atual, que civo em cada dia, não se pode concluir. A minha intenção é mesmo de considerar como ponto de partida que me permite questionar: porque é que as pessoas precisam de estudar a filosofia? Porque “explica as relações entre as “diferentes formas de pensar”. A Filosofia mapeia os diferentes caminhos que “o pensamento pode seguir”. Só por esta característica de mapear caminhos diferenciados do pensamento torna ainda mais importante o seu ensino nas escolas secundárias e nas universidades, fato que fortifica a minha contínua recomendação para que nos mantenhemos firmes nesta longa marcha da necessidade do ensino deste milionário saber humano que tem a mesma idade da existência do Homem.

Filosofia é algo que o Homem tem se ocupado desde que a humanidade existiu. A tentativa que as pessoas têm de recusar a filosofia é pelo fato de ela não resolver, a priori, os problemas existenciais do dia-a-dia. Sobre este fato estou consciente! Mas é preciso que cada moçambicano saiba que os países desenvolvidos têm a filosofia como pilar do e para o seu progresso e a partir dela que resultou todas as outras ciências. Sobretudo nos países em via de desenvolvimento, como o nosso, ela é colocada na subalternidade pelo fato de não resolver, a prior, problemas concretos, fundamentalmente, relativos ao provimento de bens materiais e de consumo imediato. Ela, na verdade não está para isso, é para problematizar e fazer pensar de forma correta sobre o processo da produção, providência, distribuição dos tais bens materiais e, conseqüentemente, sua vinculação ao respeito pela dignidade da pessoa humana, uma realidade que não se devia subalternizar a qualquer bem material.

Filosofar incomoda, mas é indispensável para a vida humana, ela é essencial para trazer equilíbrio, discernimento e proporcionar valores, pois uma “excelente maneira de filosofar consiste no enfrentamento de alguns temas de permanente cogitação humana. Sobre eles pode-se nutrir algum conhecimento ou intuir necessidade de se aprofundar” (Idem, p. 30). Para além de nos fazer “pensar numa forma correcta”, a Filosofia nos “torna humildes” foi neste sentido em que se possa perceber a máxima socrática “sei apenas que nada sei”. Esta máxima não nos revela apenas em que aquilo que ele sabe em relação ao que não sabe seja imenso, mas é uma atitude de humildade em que ele reconhece que ninguém sabe tudo. “todos sabemos alguma coisa” e a filosofia nos remete em procurar saber mais.

O ensino de Filosofia nas escolas, em todas as secções, vai permitir que ela, junte “os aspectos da vida que não foram ainda adequadamente ligados”, de modo a constituir uma imagem do mundo mais coerente e manuseável. E essa imagem do mundo coerente não é um luxo que possa beneficiar apenas uma pessoa na sua singularidade, mas sim ser algo de que todos precisamos para as nossas vidas. Com o ensino da filosofia nas escolas há espaço para construção de uma sociedade mais humanizada e Moçambique a curto ou longo prazo terá um cidadão consciente da razão da sua existência neste mundo.

Não tenho dúvidas de que a ciência, contrariamente, da filosofia tem apresentado eficácia na resolução dos problemas do umbigo, do imediato e da sobrevivência dos moçambicanos. Esta situação não acontece com a Filosofia. Não é fácil compreender o seu relacionamento direito com as necessidades imediatas dos homens. Esta ausência do pragmatismo utilitarista da filosofia tem sido o motivo de várias críticas, severas, rigorosas e até a tentativa de a excluir.

REFERÊNCIAS

- BLAUNDE, J. (2018). *A Filosofia do conhecimento científico de Gaston Bachelard: uma urgência para epistemologia africana*. Maputo: Imprensa Universitária.
- DESCARTES, R. (1998). *Os princípios da filosofia*. Trad. Alberto Ferreira. Lisboa: Guimarães Editores.
- LYOTARD, J-F. (2012). *Por que filosofia*. Trad. Marcos Marcionilo, Paris: PUF.
- MARCONDES D; FRANCO I. (2011). *A Filosofia: O que é? Para que serve?* Rio de Janeiro: Zahar.

- MAZULA, B. (2005). *Ética, educação e criação da riqueza: uma reflexão epistemológica*. Maputo: Imprensa Universitária.
- MCGINN, C. (2007). *Como se faz um filósofo: a minha viagem na Filosofia do séc. XX*. Trad. Célia Teixeira, Londres: Editorial Bizâncio.
- MIDGLEY, M. (2018). *Para que serve a Filosofia? um manifesto*. Trad. de Pedro Vidal. Lisboa: Bertrand.
- NALINI, J. R. (2013). *Porque Filosofia?* 3.ed. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais. 3
- NGOENHA, S. E. (2004). *Os Tempos da Filosofia: Filosofia e democracia moçambicana*. Maputo: Imprensa Universitária.
- SEVERINO, A. J. (1941). *Filosofia*. São Paulo: Cortez

Recebido em: 04/05/2023

Aceito em: 20/10/2023



Para citar este texto (ABNT): BLAUNDE, José. Importância da Filosofia no desenvolvimento de Moçambique: desafios e perspectivas. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.3, nº Especial II, p.424-442, out. 2023.

Para citar este texto (APA): Blaunde, José (out.2023). Importância da Filosofia no desenvolvimento de Moçambique: desafios e perspectivas. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 3 (Especial II): 424-442.